

Lula quer governar com a esquerda progressista

Os articuladores da campanha do candidato Luís Inácio Lula da Silva começam a trabalhar agora não só com a perspectiva de formar alianças para a disputa do segundo turno da eleição. O objetivo final é formar um governo de coalizão com a chamada esquerda progressista. "Recuperar o Brasil é uma tarefa árdua e para muitos homens", disse Lula ontem à tarde, ao participar do Encontro Nacional de Prefeitos do PT no Hotel Danúbio, em São Paulo. Segundo ele, não há interesse em chamar os "companheiros" apenas para ajudar a ganhar no segundo turno. "É preciso que, depois da vitória, tenhamos compromissos no mesmo barco, para que se consiga uma limpeza em curtíssimo espaço de tempo", afirmou.

Lula não soube definir se coalizão é a palavra correta, mas assegurou que pretende fazer um governo de "co-responsabilidade". Para isso, ele vai usar todos os quadros políticos possíveis, negociando não apenas cargos, "mas responsabilidades". Isso implica também uma discussão mais ampla do programa de governo da frente que apóia Lula.

Mas, como advertiu o presidente do PT, deputado Luís Gushiken, alguns pontos são inegociáveis: a suspensão do pagamento da dívida externa e a instalação de uma auditoria para investigar essa dívida; a reforma agrária; a imediata implantação de uma política econômica que permita a redistribuição da renda; a democratização e a desprivatização do Estado; a subordinação das Forças Armadas ao governo civil. Em busca de uma frente ampla de esquerda, Lula simplificou: "Se chegarmos a um acordo, tudo bem, senão teremos de aprender a fazer política na diversidade".

Para o cientista político Francisco Weffort, membro da executiva nacional do PT, os contatos que já estão sendo feitos com lideranças de outros partidos permitirão a formação de um "arco de alianças". Segundo Weffort, a equipe de 240 pessoas formada pela Frente Brasil Popular para governar com Lula deverá ser ampliada, permitindo a participação de quadros destacados por PMDB, PDT, PCB e PSDB. "Com a participação de todos os partidos progressistas poderemos criar uma plataforma de governo para administrar o país com a população", disse Weffort.

Para concretizar as necessárias alianças, Lula pretende que os negociadores da Frente Brasil Popular conversem logo com setores progressistas do PMDB e até com quem não tem partido. Ontem, Lula tentou novamente conversar com o tucano Mário Covas, mas não conseguiu, e na segunda-feira assume a campanha. "Mas não sou eu, é a Frente Brasil Popular que está negociando. Na segunda estou nas ruas, pois não posso ficar parado", afirmou.

Se a Frente Brasil Popular está liberada para negociar, existem, contudo, limitações impostas pelas bases do PT. A direção nacional do partido tem detectado uma disposição dessas bases em fazer com que Lula não amenize seu discurso durante a campanha eleitoral. Segundo um membro da executiva nacional do partido, tal disposição seria colocada à direção nacional, que se reuniu à noite em São Paulo.

"O discurso radical é o combustível da militância", disse o membro da executiva, para quem será pelo trabalho da base, nas ruas, que haverá o reforço à campanha de Lula. "O discurso de Lula, hoje, está mais ameno e precisa ganhar cores mais fortes", analisou. A proposta da executiva encaminhada ontem reivindica que, nesse sentido, Lula e a Frente que o apóia também reforcem os ataques a Fernando Collor de Mello para caracterizá-lo como o candidato da direita. E recomenda que nenhum ataque que venha do outro lado fique sem resposta e que haja ações na Justiça.